

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

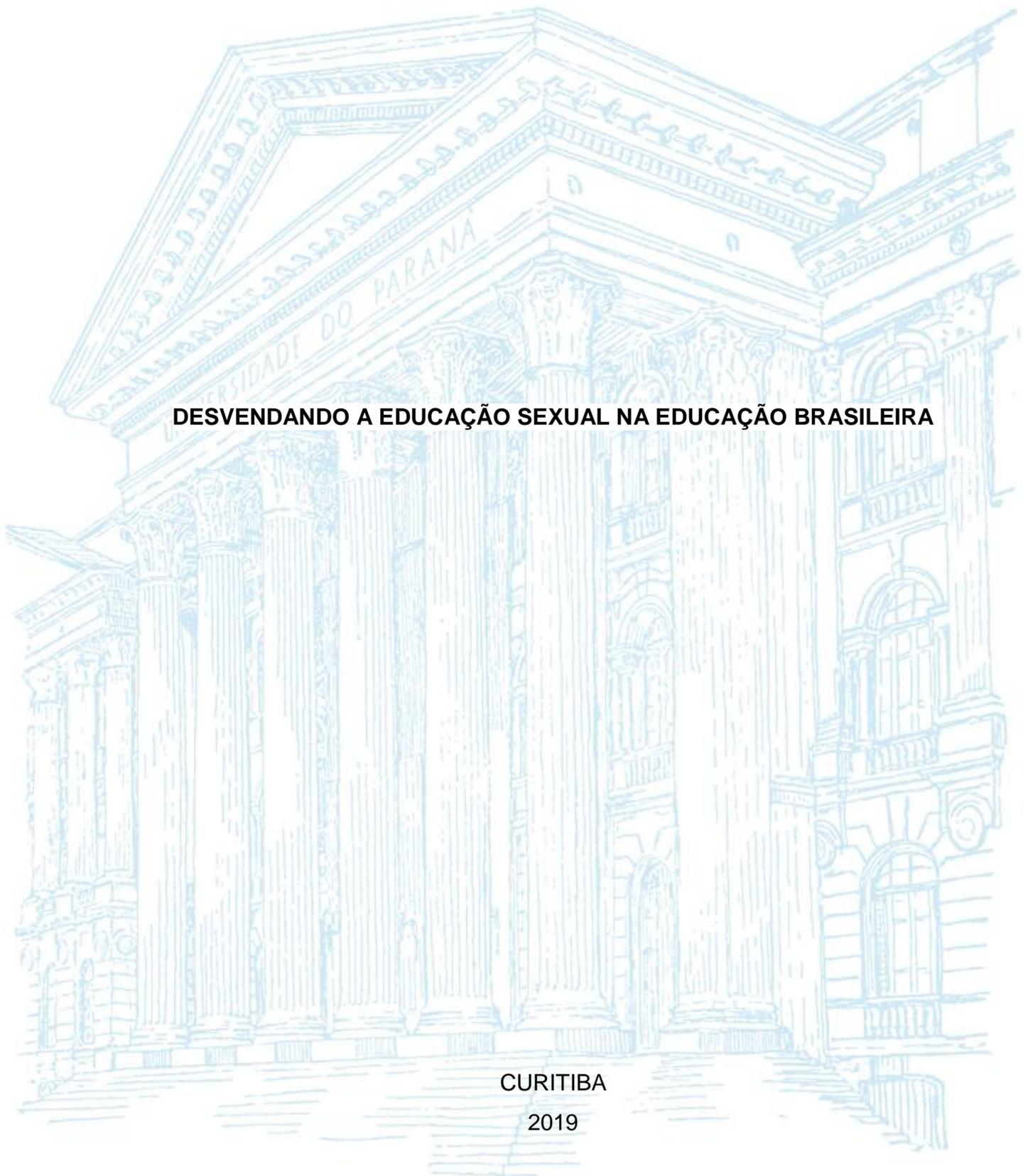
GUILHERME SHIGUEO SILVA KIMURA

LUCAS JOSÉ ALBIERI

DESVENDANDO A EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CURITIBA

2019



GUILHERME SHIGUEO SILVA KIMURA
LUCAS JOSÉ ALBIERI

DESVENDANDO A EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas, pelo curso de Ciências Biológicas, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Siqueira Palcha

Co-Orientadora: Prof.^a Dr^a Araci Asinelli-Luz

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer de forma conjunta ao nosso orientador, Prof. Dr. Leandro Siqueira Palcha, por todo apoio, o auxílio, paciência, consideração e direcionamento nas correções deste TCC, partilhando de sua experiência para nos ajudar. No decorrer do desenvolvimento desse trabalho, tornou-se um grande espelho e um grande amigo para nós. À Prof.^a Dr.^a Araci Asinelli Luz, por nos acolher como orientandos e contribuir com o desenvolvimento da temática explorada nesse trabalho.

Agradecemos também à Universidade Federal do Paraná, seus docentes e funcionários, que colaboraram de várias maneiras para a nossa formação, nos permitindo explorar e construir os conhecimentos que nos formam hoje. Aos avaliadores, Prof.^a Dr.^a Patrícia Barbosa Pereira e Prof. Dr. Danislei Bertoni, por aceitarem corrigir este trabalho e auxiliarem no nosso desenvolvimento científico.

Agradeço minha namorada Maria Luiza por estar sempre ao meu lado me incentivando, me apoiando e me dando forças para prosseguir até o fim da minha formação, obrigado pelas conversas, pela cumplicidade e por estar por perto e me fazer feliz, eu, Lucas sou grato por tudo que você me ensinou e me fez evoluir.

Agradeço a minha família que esteve ao meu lado durante toda a trajetória, principalmente minha mãe Marlene, mulher que me deu a vida e sempre me apoiou as minhas decisões.

Agradeço ao meu colega de trabalho Guilherme, pela parceria, pelas trocas e vivências que tivemos juntos.

Eu, Guilherme, agradeço imensamente a minhas irmãs Janaina, Kazuza e Camila, ao meu irmão Alexandre, ao meu pai Sussumo e a minha mãe Francisquinha pelo grande amor, carinho, apoio e incentivo dirigidos a mim durante todo o caminhar da graduação até o desenvolvimento e apresentação deste trabalho.

Aos meus grandes amigos que conheci graças ao curso, agradeço principalmente ao meu companheiro de trabalho, Lucas Albieri, e também a Luiz,

Marcelo, Nicolas, Ricardo e Rebeka que sempre estiveram ao meu lado, transformando cada momento dentro da universidade em uma vivência única e prazerosa que guardarei pelo resto da minha vida.

Aos amigos que estiveram fora do meu círculo acadêmico, mas que estiveram presentes de forma constante e especial em minha vida, sou extremamente grato à Andressa, Ana Carolina, Patrícia, Natália, Rafael e Francisco. Cada segundo ao lado de vocês é e sempre será de extrema importância para mim.

À Carolina Dolci, a maior e melhor surpresa que eu poderia ter no ano de 2019.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as
pessoas. Pessoas transformam o mundo”

Paulo Freire

RESUMO

Considera-se que temas como sexualidade, sexo, corpo humano e suas transformações, ou seja, Educação Sexual, são assuntos que estão presentes no cotidiano de nossa sociedade e geram certa discussão ou até mesmo polêmica dentro e fora de sala de aula. Assim, no que é pertinente à formação de professores, é importante que esteja atenta as pesquisas na área de ensino envolvendo a distinta temática, a fim de formar estudantes que apresentem uma compreensão razoável sobre a Educação Sexual ao término da sua escolarização. O objetivo principal deste trabalho reside em desvendar o contexto histórico da Educação Sexual e como ela vem sendo mobilizada pela educação brasileira na contemporaneidade. Para tanto, outros objetivos mais específicos foram necessários, como: realizar uma revisão de literatura sobre estudos envolvendo a Educação Sexual que tragam subsídios para compreensão do tema; desenvolver uma pesquisa bibliográfica, a fim de construir um panorama envolvendo a Educação Sexual na área de Ensino de Ciências nos últimos anos; e analisar como a pesquisa bibliográfica permite desvendar e elucidar a importância da Educação Sexual para a formação de professores. Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), um evento bianual e promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), sendo analisadas as atas de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019, na perspectiva de mapear a literatura sobre o assunto e relacionar com a formação de professores de Biologia e Ciências. Os resultados encontrados a partir dos descritores apontaram para um total de 11 artigos sobre educação sexual na área de formação de professores. Diante da análise dos trabalhos, pode-se verificar que a sexualidade se manifesta a todos os momentos na humanidade, seja em crianças, jovens ou adultos, sendo assim, não existe um tempo e um único ambiente específico para se falar sobre o assunto. Além disso, na escola, lugar em que passamos boa parte de nossas vidas, a Educação Sexual deveria estar presente, porém, é pouco abordada, sendo uma das principais causas dessa situação a falta de uma formação específica dos professores. Conclui-se que a Educação Sexual, quando explorada pelos docentes, resume-se a conceitos biológicos e preventivos, repassando ao professor de ciências e biologia a responsabilidade de trabalhar essas questões em sala de aula.

Palavras-chave: Educação em Ciências. Pesquisa Bibliográfica. Educação Sexual.

ABSTRACT

It is considered that themes such as sexuality, sex, human body and its transformations, that is, Sex Education, are issues that are present in the daily life of our society and generate discussion or even controversy inside and outside the classroom. So, it is pertinent that teacher education, it is important is attentive to research in the teaching area involving the different theme, in order to train students who have a reasonable understanding of Sex Education at the end of their schooling. The main objective of this work is to unravel the historical context of Sex Education and how it has been mobilized by Brazilian education in contemporary times. To this end, other more specific objectives were necessary, such as: Perform a literature review on studies involving Sex Education that provide support for understanding the theme; Develop a bibliographic research in order to build a perspective involving Sex Education in the area of Science Teaching in recent years; and Analyze how bibliographic research allows us to unravel and clarify the importance of Sex Education for teacher education. In methodological terms, a bibliographic search was performed in the minutes of the Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência (ENPEC), a biennial event promoted by Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), it is analyzed the minutes of 2011, 2013, 2015, 2017 and 2019 with a view to map the literature on the subject and relate to the formation of biology and science teachers. The results found from the descriptors pointed to a total of 11 articles on sex education in the area of teacher education. Given the analysis of the works, it can be seen that sexuality manifests itself at all times in humanity, whether in children, youth or adults, therefore there is no time and one specific environment to talk about. Moreover, at school, where we spend most of our lives, sex education must be present, but it is little addressed and one of the main causes of this situation is the lack of specific teacher training. It is concluded that sex education, when explored by teachers, boils down to biological and preventive concepts, giving the teacher of science and biology the responsibility of working on these issues in the classroom.

Keywords: Science Education. Bibliographic research. Sexual Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1. JUSTIFICATIVA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos Específicos	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
4.1 CONCEPÇÃO E PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL.....	22
4.2 INTERVENÇÕES, OBSERVAÇÕES E FORMAS DE SE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros esforços de inserção da Educação Sexual no currículo brasileiro ocorreram na década de 1920, quando, após intensos debates entre educadores, médicos e outros profissionais, o Congresso Nacional aprovou a Educação Sexual nas escolas, no entanto com abordagem especificamente biológica e higienista, com a finalidade de combater doenças venéreas e, pautado, nos primeiros anos, na figura feminina e seu papel na maternidade (AQUINO; MARTELLI, 2012).

Tempos depois, em 1964, com o Golpe Militar foi adotado um tratamento moralista e com censura nas escolas, o que provocou uma interrupção nos trabalhos de Educação Sexual que vinham evoluindo. Durante a década de 1970, com a reabertura política, começaram as discussões a respeito do gênero, em boa parte devido aos movimentos feministas, o que levou a inclusão da temática nas investigações acadêmicas (CÉSAR, 2009). Ocorreram vários seminários e encontros sobre a Educação Sexual nos anos seguintes, bem como publicações de livros e periódicos. Além disso, o crescimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) na década de 1980 provocou um maior interesse da população na Educação Sexual ser colocada na escola.

Conseqüentemente, em 1996 o MEC incluiu a orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um “tema transversal” (FIGUEIRÓ, 1998). Deste período até os dias atuais houve muitos ganhos e avanços no que diz respeito à inclusão da temática nas escolas e documentos oficiais, mas, ainda assim, é necessário continuar lutando por melhorias, visto que há uma onda de conservadorismo insensato que pode desconstruir os resultados já alcançados.

Muitas vezes falar sobre sexualidade em casa para alguns pais ou, até mesmo, para alguns educadores, pode ser constrangedor, por ser um “tabu” e difícil de se explicar os conceitos, as informações ou polêmicas que envolvem este tema. Entretanto, o papel do professor é fundamental, visto que os aspectos sociais e as relevâncias que o tema proporciona na sua compreensão, sejam eles ligados ao biológico, psicológico, cultural e ético.

A sexualidade é fundamental no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, segundo Guimarães (1995), concomitantemente, a sexualidade é explicada pelo conceito biológico como essência da vida humana, bem como é

alterada “pelas trocas como o mundo, que empresta um novo sentido e significado a cada vida”. É nossa obrigação entender que a sexualidade não é apenas uma questão de natureza pessoal, mas social e política, e que também vai sendo estruturada ao longo da vida de cada pessoa.

Entretanto, nos últimos anos, observamos que houve um retrocesso em relação à inclusão da Educação Sexual na escola, por parte de figuras políticas que se utilizam de sua posição no governo e da influência que suas falas geram na mídia e, portanto, na população, sobretudo, para defender a retirada de aspectos conquistados depois de muito debate e luta, da escola. Um exemplo disso, seria a retirada dos termos “sexualidade” e “gênero” dos Planos de Educação municipais e estaduais de todo o Brasil, o que contribuiu para redução ainda mais do incentivo para serem abordados dentro de sala de aula. Segundo Brandão (2018), o não incentivo a discussão de gênero e sexualidade na escola contribui para a persistência das desigualdades e discriminações sociais, bem como para expressões de violência, no espaço escolar ou em outros ambientes sociais.

Nesse sentido, a Educação Sexual na escola deve ser entendida e incentivada como um processo de intervenção socioeducativa, basicamente, a fim de transmitir informações não somente de caráter biológico, mas também construir conhecimentos relacionados às vivências dos estudantes e problematizar questões relacionadas à sexualidade, como preconceitos, tabus e valores a ela relacionados.

A Educação Sexual deve ser tratada de forma transversal desde o momento que esse tema se tornou obrigatório pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Brasil. Por isso, a sexualidade não é mais um tema majoritariamente das aulas de Biologia, mas é uma temática que deve ser trabalhada de maneira interdisciplinar e diversificada no espaço escolar. Com isso, deve ser discutido e abordado assuntos não somente do aspecto biológico, mas também questões sobre aborto, preconceito, exploração sexual e violência sexual que, segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007), são assuntos raramente trabalhados na escola. Muitos questionamentos como estes surgem de maneira emergente e exigem do professor, flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar essas questões.

No Ensino Superior, muitos cursos de Licenciatura ainda não têm em suas grades obrigatórias disciplinas que abordem o tema, não habilitando professoras e professores de forma adequada para trabalhar a Educação Sexual (FURLANI, 2008). Este cenário é uma dificuldade que os professores enfrentam, mas que não pode

servir de argumentação para que não seja trabalhado com a Educação Sexual na escola, pois independentemente da existência de uma matéria específica sobre o tema, ela está intrínseca na sociedade, pois a sexualidade faz parte do indivíduo enquanto ser (LOURO, 1997; SANTOS; ARAÚJO, 2009). Desse modo, a formação do docente referente à sexualidade é fundamental, visto que a escola tem papel importante na formação de cidadãos, na construção da identidade pessoal, permitindo a possibilidade de vivenciar as diversidades das relações afetivas e sociais fomentada pela Educação Sexual.

Sobre o assunto relativo à formação de profissionais da educação e do reconhecimento de sua importância para o meio escolar, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394, em 20 de dezembro de 1996 (LDB 9394/96) marca um momento importante para a educação brasileira e para a atual formação de professores. Essa importância pode ser analisada no artigo 13 da LDB, que se refere às incumbências dos professores:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

- I – Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II – Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III – zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV – Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V – Ministras os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI – Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 1996, p.5).

Analisando cada inciso do artigo anteriormente citado, observamos as incumbências descritas por lei pelas quais interpretamos que a docência é uma profissão de grande relevância para a sociedade. Dentre elas, destacamos o inciso III, que outorga ao professor a responsabilidade de não apenas ensinar, mas orientar e ter cuidado com a aprendizagem do estudante, garantindo a ele uma aprendizagem concreta.

Com relação a abordagem da LDB 9394/96 sobre formação de professores presente no Título VI: “Dos Profissionais da Educação”, há um Parágrafo único que diz respeito aos fundamentos que um profissional da educação deve ter para exercer as atividades educacionais, o parágrafo do artigo 61 e seus incisos, dispostos a seguir:

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (BRASIL, 1996, p.19)

De acordo com o inciso I, a formação do professor deverá ser sólida para que ele tenha aptidão e domínio no exercício das atividades desempenhadas no ambiente escolar, além de ser capaz de associar as teorias e práticas já vivenciadas durante sua formação, o que é abordado no inciso II. Portanto, a formação docente referente à sexualidade é fundamental, visto que a escola tem papel de grande influência na formação de educandos. Sendo assim, o professor deverá passar por uma formação inicial adequada ao longo de todo período acadêmico em paralelo, o educador também precisa assumir um posicionamento de formação continuada que, segundo Figueiró (2014), precisa ser tratada como um processo inserido no conjunto do desenvolvimento pessoal e profissional do educador.

Neste trabalho, apresentamos uma abordagem do tema Educação Sexual no contexto da educação brasileira, especialmente ao que toca a área de Ensino de Ciências e Biologia nos últimos anos. Salientamos a importância de tal temática para a formação de professores, pois o debate que é gerado sobre sexualidade, questões relacionadas a gênero, violência sexual, sexismo e homofobia estão cada vez mais presentes no cotidiano dos jovens, sendo necessário abordar e trabalhar através da docência tais assuntos que estão arraigados e constituem nossa sociedade.

1.1 JUSTIFICATIVA

Levando em consideração que temas como sexualidade, sexo, corpo humano e suas transformações, além de violência sexual e preconceitos, são assuntos que estão presentes no cotidiano de nossa sociedade e geram certa discussão ou até mesmo polêmica dentro e fora de sala de aula, resolvemos fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o tema da Educação Sexual no contexto brasileiro, tendo como base de dados as atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), um evento bianual realizado pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC).

Assim, podemos analisar o trajeto da Educação Sexual em uma base de dados que representa as principais pesquisas sobre o tema na área de Ensino de Ciências de nosso país. Sendo assim, existe grande importância desse assunto para a formação, autoconhecimento e desenvolvimento da identidade do indivíduo, visto que temos a obrigação como Biólogos e profissionais da educação em entender que a sexualidade não é apenas uma questão de natureza pessoal, mas de transformação social e política, e que também vai sendo estruturada ao longo da vida de cada pessoa. Para Figueiró (2014), as ações que podem levar à transformação compreendem as que são voltadas para a construção da liberdade sexual, no sentido de poder viver a sexualidade livre de sentimento de culpa e de opressão social. São também ações que favorecem para acabar com o autoritarismo sexual, extinguindo os preconceitos, as desigualdades e a violência sexual.

Por isso, é necessário conceder aos professores formação e informação, a fim de proporcionar discussões fazendo com que eles tenham competência para lidar com situações ligadas à sexualidade na escola. Ou seja, o intuito da Educação Sexual é propiciar ao indivíduo a possibilidade de executar sua sexualidade de forma responsável, saudável e empática, proporcionando métodos para o reconhecimento de atitudes ligadas à sexualidade que demanda intimidade e privacidade, tal como manifestações de sexualidade suscetíveis de serem expressas na escola, em casa ou em qualquer ambiente público.

Faz-se necessário à formação de professores trabalhar a Educação Sexual além de conceitos e questões relacionados a sexualidade, procurando não apenas se prender nas questões biológicas e preventivas, mas buscando explorar outros temas ligados a esta questão, de maneira que a sexualidade seja discutida de forma ampla, dentro de uma abordagem histórica, desmistificando e objetivando uma Educação Sexual de relevância social, identitária e libertadora.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar dados de uma pesquisa bibliográfica na área de Educação em Ciências sob a ótica da importância da Educação Sexual para a formação de professores.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Realizar uma revisão de literatura sobre estudos envolvendo a Educação Sexual, que traga subsídios para compreensão do tema;

- Desenvolver uma pesquisa bibliográfica, a fim de construir um panorama envolvendo a Educação Sexual na área de Ensino de Ciências nos últimos anos;

- Analisar como a pesquisa bibliográfica permite desvendar e elucidar a importância da Educação Sexual para a formação de professores.

Por fim, resta dizer que esperamos que nosso trabalho possa apresentar alguns indicativos sobre como a Educação Sexual vem sendo desenvolvida na área de pesquisa em ensino, bem como desencadear reflexões para a formação inicial enquanto futuros professores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Figueiró (1998), os primeiros movimentos da Educação Sexual dentro de escolas no Brasil iniciaram na década de 1920, sofrendo forte influência de princípios higienistas. A teoria da eugenia, criada pelo antropólogo inglês Francis Galton em 1883, buscava produzir uma seleção nas coletividades humanas baseada em leis genéticas. Essa teoria era difundida no país, principalmente, pelo médico sanitariano Renato Ferraz Kehl, a partir de um periódico impresso conhecido como “Boletim de Eugenia”, que publicava desde concursos eugênicos até estudos e reflexões a respeito do tema.

Segundo Souza (2006), as concepções de Renato Kehl estavam ligadas, por um lado, a um tipo de “eugenia preventiva”, responsável pela higiene e pela profilaxia das doenças e dos vícios sociais e, por outro, pela “eugenia positiva”, cujas medidas consistiam em fazer a propaganda eugênica e estimular a educação sanitária, sexual e moral dirigida à população. Em linhas gerais, esse modelo de eugenia, ao estilo neolamarckista, agradou boa parte da intelectualidade brasileira porque permitia pensar as reformas sociais e ambientais como primordiais no processo de aperfeiçoamento da nacionalidade (SOUZA, 2006).

Médicos, políticos e educadores brasileiros, influenciados por esse princípio, defendiam a necessidade de implantação de uma educação voltada para contribuir no combate às doenças venéreas, masturbação e preparo dos sujeitos para um futuro mais saudável e responsável. Foi então que em 1922, o reformador educacional Fernando Azevedo, em resposta a um inquérito criado pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, apontou a importância do ensino da sexualidade para o benefício moral e higiênico dos seres humanos e da raça (CÉSAR, 2009). Dessa forma, a eugenia encontrava na Educação Sexual uma forma de legitimação, contribuindo para evitar a “‘perversão moral’, as ‘psicoses sexuais’ e assegurar a ‘saudável reprodução da espécie’” (BRUSCHINI; BARROSO, 1986, p.32).

Em 1928, na II Conferência Nacional de Educação, ocorrida em Belo Horizonte, houve a aprovação de programas de Educação Sexual para jovens acima de 11 anos, para escolas privadas e públicas (SAYÃO, 1997). Com isso, no Colégio Batista do Rio de Janeiro, realiza-se, no ano de 1930, a primeira tentativa de inclusão de Educação Sexual em um currículo escolar, através de um programa proposto pelo

professor de biologia Victor Starwinski. A princípio, o programa possuía como intuito principal analisar o papel feminino na reprodução. Já o papel masculino passou a ser discutido e analisado 5 anos depois. Infelizmente, devido à diversas críticas e discordâncias, essa experiência foi interrompida, terminando com um processo judicial contra o professor e, conseqüentemente, sua deposição do cargo no colégio (BARROSO; BRUSCHINI, 1986).

Apesar do interesse de grande parte da população pela implementação de uma Educação Sexual formal nas escolas, alguns entraves comprometeram essa ação. Um dos obstáculos mais poderosos foi a Igreja Católica, que possuía grande influência sobre os rumos da educação brasileira. Até a década de 1960, havia um posicionamento repressivo em relação à sexualidade, a transmissão de informações a respeito do assunto, bem como as manifestações sexuais entre os estudantes (ROSEMBERG, 1985). No ambiente escolar o discurso sobre o tema ou era negado ou gerava punição, pois, segundo a igreja, a sexualidade era algo pecaminoso, que deveria se voltar apenas à reprodução. Essa situação começa a apresentar uma inversão a partir do Concílio Vaticano II, realizado entre os anos de 1962 e 1965, devido ao novo valor atribuído à sexualidade no plano da criação divina.

Mesmo com a desaprovação da Igreja Católica, o interesse da sociedade quanto à abordagem de temas relacionados à sexualidade crescia. Algumas obras que tratavam sobre o assunto foram publicadas, como por exemplo “Guia e Conselheiro para todos Com Respostas a Todas as Questões” (1951), do alemão Fritz Kahm, que tinha como intuito abordar a sexualidade dentro da conjuntura biológica e reprodutiva. Somado a isso, revoluções dentro da música norte americana no início da década de 1950, impactaram diretamente a camada mais jovem do Brasil. O Rock and Roll, surgido nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial, passou a influenciar a juventude a ter um olhar crítico a respeito da sociedade em que viviam, gerando um grito de rebeldia de uma geração contra todo o sistema vigente. Não obstante, o movimento feminista da bióloga Bertha Lutz, no Brasil, causava grande impacto no campo social, contestando os padrões sociais em alta.

Nesse sentido, a população demonstrava cada vez mais interesse pela discussão da Educação Sexual. Entre os anos de 1963 a 1968, em São Paulo, ocorreram algumas tentativas de incorporação do tema nos currículos de algumas escolas públicas, através de projetos e programas que tinham como propósito a informação e a prevenção de doenças e a gravidez (GUIMARÃES, 1995). O Colégio

Aplicação é, provavelmente, o maior exemplo de instituição educacional a tentar desenvolver trabalhos sobre sexualidade em sala de aula. As intervenções eram realizadas por professores de ciências e um orientador com grupos de alunos de ambos os sexos. Ao orientador, cabia a responsabilidade de coordenar, analisar e sugerir assuntos para as discussões, buscando produzir um ambiente seguro para a manifestação de questionamentos, por parte dos alunos, sobre a vida sexual. Ocorreu também, em Minas Gerais, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco localizado em Belo Horizonte, a inclusão de um programa de Educação Sexual no currículo escolar para alunos do quarto ginásial, tendo duração de três anos devido à rejeição que os pais apresentaram ao mesmo.

A partir do final da década de 1960 e em boa parte da década de 1970, com a rigidez do governo militar no Brasil, as experiências e programas de Educação Sexual passaram a sofrer forte represália. O principal registro de repressão ao tema ocorreu nesse período. A deputada Júlia Steimbruck (PMDB), do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei à Câmara dos Deputados em 1968, propondo a implantação obrigatória da Educação Sexual nos currículos de 1º e 2º graus. A resposta foi dada pela câmara em 1970 e, devido à moralização imposta pela ditadura, tal projeto recebeu inúmeras objeções (CÉSAR, 2009). Com o aumento da repressão, principalmente com a emissão do decreto AI5 em 1969, a sexualidade permaneceu associada a imoralidade e à subversão, tornando-se alvo de investigações, principalmente quando vinculada à educação de jovens. Segundo Guimarães (1995), mesmo não havendo uma lei proibindo o desenvolvimento de projetos relacionados a Educação Sexual, as escolas públicas interromperam programas sobre o assunto para evitar problemas.

Com a gradativa reabertura política e o afrouxamento da censura a partir do final da década de 1970, os debates públicos sobre a Educação Sexual ressurgem paulatinamente, ocorrendo em 1978 o primeiro Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas. Este congresso e os subsequentes abrem espaço para discussões públicas sobre a Educação Sexual no ambiente escolar, ganhando destaque na mídia, atendendo a uma crescente demanda da população de falar e ouvir sobre sexualidade (ROSEMBERG, 1985). Mas é na década de 1980 que as discussões e o interesse da população sobre a Educação Sexual crescem consideravelmente, devido ao surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) (GUIMARÃES, 1995). Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzza, transformou-se no maior exemplo de

representante soropositivo da cultura popular brasileira. Diagnosticado em 1987, assumindo publicamente sua condição em 1989, Cazuzza acabou tendo seu rosto associado diretamente a doença graças à imprensa que se reportou continuamente à sua tragédia de modo bastante negativo e estigmatizante. A “*cara de Cazuzza*”, definindo-se como a personificação da doença, tornou-se a mais conhecida imagem cultural corporificada de uma vítima da AIDS e, sobretudo, de um “aidético”. O combate ao vírus e a curiosidade a respeito do funcionamento da doença gerou uma série de debates, estudos e controvérsias e, conseqüentemente, uma aproximação maior do país a implantação definitiva de uma Educação Sexual no currículo escolar. Temas como doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade e gravidez nunca estiveram tão presentes na mídia e na vida dos brasileiros.

Foi no ano de 1996, que o então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, juntamente com o ministro da educação Paulo Renato, sancionou a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96), que em seus PCN, incluiu a Educação Sexual como tema transversal. Até então, a Educação Sexual resumia-se a conceitos biológicos, sendo trabalhada em apenas duas matérias, ou seja, a matéria de ciências e biologia. Dessa forma, o tema decaía sob responsabilidade de professores específicos da área. Com os temas transversais, Educação Sexual passa a ser nomeada como Orientação Sexual, e retira do professor de ciências e biologia a responsabilidade única por ensinar ou abordar assuntos relacionados à sexualidade, devendo ser trabalhada em todas as disciplinas e de responsabilidade de todos os professores.

(...) significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento pelo tema Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática Educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio da sua Própria proposta de trabalho. (...) O trabalho de Orientação Sexual se dará, por tanto, dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (BRASIL, 2001, p. 87).

Em outros termos, isso significa que deve haver um compromisso de todas áreas para abordagem da temática na prática educativa, não só dos professores de ciências e biologia, mas de todos que compõem o contexto escolar.

Para isso o educador deverá ter acesso a uma formação ampla e específica para tratar sobre sexualidade com crianças e jovens na escola. Já que:

O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo-se, portanto, num espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual” (BRASIL, 2001, p.123).

A formação continuada se refere às propostas ou ações como estudos, reflexões ou cursos voltados para enriquecer a prática profissional. A formação continuada dos professores deve ser vista como uma prática social, do mesmo modo que o ato de ensinar também é. Deve ser produzida dentro de uma expectativa na qual o objetivo da escola seja contemplado como o de formadora da pessoa para o exercício da cidadania. Entretanto, para constituir uma prática social transformadora, a formação continuada, na visão de Alarcão (1998), deve contribuir para o desenvolvimento profissional do professor individualmente, para o coletivo dos professores em busca da identidade de seus saberes e para uma escola renovada. Tendo em vista que é importante que os professores passem por um processo de autoconhecimento, que lhes possibilite falar sobre si próprio e expor seus pontos de vista.

Na visão de Vianna (2012), não será somente por meio de uma formação breve e/ou a distância que conseguiremos assegurar a desconstrução de desigualdades de gênero. A propósito, não será sequer apenas na formação docente que essa tarefa poderá ser plenamente enfrentada. A formação docente é uma das áreas nas quais poderemos adquirir mecanismos de superação de algumas ideias de preconceitos para construir novos conhecimentos e práticas.

Portanto, a identidade profissional começa a se projetar já na formação inicial do docente, porém irá ganhar estrutura nas salas de aula, na vivência cotidiana, abordando questões sobre o tema e no rotineiro processo de pensar e repensar a prática de docência, levando em consideração as influências sociais e o contexto trabalhado.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica tendo como questão norteadora a importância e necessidade da formação de professores para a abordagem da Educação Sexual na Educação Básica. Visto que a escola possui um

papel importante na formação de conceitos relacionados à Educação Sexual e no desenvolvimento da identidade sexual do aluno.

De acordo com Cervo e Bervian (2002), a pesquisa bibliográfica tem como intuito explicar um problema partindo de referências teóricas publicadas em documentos. Podendo ser realizada de forma independente ou como parte de uma pesquisa descritiva ou experimental. Estas duas situações buscam entender e analisar as contribuições culturais e científicas sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Para Gil (2010, p.50), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Desse modo, segundo o autor, “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2010, p.50). Assim, além de permitir o levantamento das pesquisas referentes ao tema de estudo, a pesquisa bibliográfica permite ainda o aprofundamento teórico que norteia a pesquisa.

Nessa perspectiva, as consultas bibliográficas que consolidaram este trabalho foram realizadas com enfoque quantitativo por meio das bases de dados das atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) sobre Educação Sexual na formação de professores de ciências e biologia. Nosso estudo não tem como o enfoque a cobertura de toda a produção acadêmica no Brasil. Porém, tivemos como intuito, levantar de forma metodológica, dados da produção brasileira em Ensino de Ciências com a finalidade de identificar e explorar aspectos relacionados ao campo de pesquisa dessa área no contexto nacional.

A Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), fundada em 29 de novembro de 1997, tem por finalidade promover, divulgar e socializar a pesquisa em Educação em Ciências, por meio da realização de encontros de pesquisa e de escolas de formação de pesquisadores, da publicação de boletins, anais e revistas científicas, bem como atuar como órgão representante da comunidade de pesquisadores em Educação em Ciências junto a entidades nacionais e internacionais de educação, pesquisa e fomento (ABRAPEC, 2019). O ENPEC é um dos principais eventos de pesquisa promovida pela ABRAPEC tendo como objetivo agregar e favorecer a interação entre os pesquisadores das áreas de Educação em Biologia, Física, Química e áreas correlatas, enfocadas isoladamente ou de maneira

interdisciplinar, com a finalidade de discutir trabalhos de pesquisa recentes (ENPEC, 2019).

Para o levantamento dos dados da presente pesquisa foram analisadas as atas dos anos de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 do ENPEC, as quais encontram-se disponíveis no seguinte endereço: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/>.

Os trabalhos que constituíram o *corpus* de análise foram selecionados a partir da busca dos seguintes descritores: “Educação Sexual”, “orientação sexual”, “sexualidade”, “gravidez na adolescência”, “sexismo”, “homofobia”, “violência sexual”, “gênero” e “doenças sexualmente transmissíveis” na área de formação de professores de ciências. Partindo disso, pudemos agrupar um total de 19 pesquisas, desconsiderando, logicamente, trabalhos que apareciam de forma repetida quando utilizado o mesmo descritor. As palavras-chave selecionadas tem como intuito englobar temas básicos que estão diretamente relacionadas a Educação Sexual.

Diante do exposto, procuramos fazer uma leitura de cada publicação na possibilidade de identificar se o tema tratado abordaria, de fato, a Educação Sexual e se a pesquisa em questão poderia contribuir de alguma maneira na formação de professores. Após a leitura dos trabalhos, encontramos um total de 15 artigos na área de formação de professores com base nas palavras-chave especificadas na tabela 2. Baseados nisso, fizemos um levantamento das abordagens de cada pesquisa acerca da Educação Sexual na formação de docentes, e separamos, conforme houve recorrência de temas nas publicações encontradas: a) Concepção e percepção de professores e alunos sobre Educação Sexual; b) Intervenções, observações e formas de se trabalhar a Educação Sexual em sala de aula; c) Análise de documentos, revistas, artigos, periódicos; d) Reflexões e resumos.

Por último, enfatizamos nossas observações nos itens que falam sobre a “*Concepção e percepção de professores e alunos sobre Educação Sexual*” e “*Intervenções, observações e formas de se trabalhar a Educação Sexual em sala de aula*”, visto que estas abordagens, de acordo com nossas interpretações, foram as que mais apareceram nos artigos encontrados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como dito, os trabalhos que compuseram o *corpus* de análise foram selecionados a partir da busca dos seguintes descritores: “Educação Sexual”, “orientação sexual”, “sexualidade”, “gravidez na adolescência”, “sexismo”, “homofobia”, “violência sexual”, “gênero” e “doenças sexualmente transmissíveis”, na área de formação de professores, formação de professores em ciências, formação de professores II e formação de professores III. O motivo de utilizar tais descritores se deve ao fato que são temas que abrangem outras dimensões da educação sexual que não somente a biológica, considerando temas ditos como tabus mas que são de extrema importância para a educação sexual.

A partir disso pudemos reunir um total de 19 pesquisas, desconsiderando, logicamente, trabalhos que apareciam de forma repetida, quando utilizado o mesmo descritor. As palavras-chave selecionadas têm como intuito englobar temas básicos que estão diretamente relacionados à Educação Sexual.

Sendo assim, desenvolvemos a seguinte tabela com todos os trabalhos encontrados conforme o proposto:

TABELA 1 – ARTIGOS ENCONTRADOS UTILIZANDO OS DESCRITORES

Palavra chave	Artigos em 2011	Artigos em 2013	Artigos em 2015	Artigos em 2017	Artigos em 2019
Educação Sexual	2	0	1	1	1
Orientação sexual	0	0	0	0	1
Sexualidade	3	2	0	2	2
Gravidez na adolescência	0	0	0	0	0
Sexismo	0	0	0	0	0
Homofobia	0	0	0	0	0
Violência	0	0	0	0	0

sexual					
Gênero	2	0	1	0	1
Doenças sexualmente transmissíveis	0	0	0	0	0

Fonte: Os autores (2019)

A partir do levantamento dos artigos em questão, decidimos realizar uma leitura aprofundada de cada trabalho para verificarmos se o tema tratado abordaria de fato a Educação Sexual e se a pesquisa em questão poderia contribuir de alguma maneira na formação de professores. Como não foram encontrados artigos utilizando os descritores “gravidez na adolescência”, “sexismo”, “homofobia”, “violência sexual” e “doenças sexualmente transmissíveis” resolvemos excluí-los da tabela 2, que indica a listagem desses artigos a serem aprofundados. Além disso, em análise realizada nos trabalhos localizados nas atas de 2011 e 2015 com o descritivo “gênero”, verificamos que os artigos não abordavam como enfoque de estudo a Educação Sexual para a formação de professores. O artigo encontrado nas atas de 2019 também foi desconsiderado, pois o descritivo já aparecia em um artigo dentro de “sexualidade”. Dessa forma, dentre todos os trabalhos examinados, tivemos como resultado o seguinte:

TABELA 2 – LISTA DE ARTIGOS

Palavra chave	Artigos em 2011	Artigos em 2013	Artigos em 2015	Artigos em 2017	Artigos em 2019
Educação Sexual	2	0	1	1	1
Orientação sexual	0	0	0	0	1
Sexualidade	3	2	0	2	2

Fonte: Os autores (2019)

Conforme Tabela 2, foram encontrados um total de 15 artigos na área de formação de professores com base nas palavras chaves especificadas. A partir disso

fizemos um levantamento das abordagens de cada pesquisa sobre a Educação Sexual na formação de docentes, sendo separadas de acordo com o seguinte:

- a) Concepção e percepção de professores e alunos sobre Educação Sexual - 6 artigos;
- b) Intervenções, observações e formas de se trabalhar a Educação Sexual em sala de aula - 5 artigos;
- c) Análise de documentos, revistas, artigos, periódicos - 3 artigos
- d) Reflexões e resumos - 1 artigo;

Sendo assim focamos nossas observações nos itens a) e b), visto que foram as abordagens mais utilizadas pelos artigos encontrados.

4.1 CONCEPÇÃO E PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

Os trabalhos analisados contendo como enfoque a visão de docentes e discentes sobre a Educação Sexual possuíam caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas, questionários e análise de práticas pedagógicas e de ensino de professores e licenciandos para levantamento de dados. Pode-se observar que os artigos apontam de forma comum que, apesar da consciência de professores acerca da necessidade da abordagem da Educação Sexual em sala de aula, existe uma hesitação por parte dos mesmos para tratar o conteúdo. Isso se deve ao fato de que parte dos docentes se sentem inseguros para tratar temas relacionados à sexualidade, que, Segundo Figueiró (2009), pode ocorrer devido a falta de formação adequada do professor.

Essa questão perpassa por todos os artigos analisados, sendo a falta de preparo de professores para orientar os adolescentes, respondendo dúvidas, discutindo e esclarecendo assuntos considerados polêmicos, um grande problema. Para Batista (2008), essas questões não se encerram apenas na falta de conhecimento e preparo para abordar a temática, vão muito além, sendo influenciados pelos preconceitos, tabus, preceitos religiosos, insegurança e/ou negação da sua sexualidade, vergonha, entre outros.

Em um dos artigos analisados, pode-se verificar a percepção e concepção de alunos acerca da Educação Sexual. Através de um questionário os alunos deveriam responder com que frequência os professores abordavam o tema sexualidade em sala de aula, devendo escolher como resposta “sempre”, “às vezes” e “raramente”. O resultado obtido foi que “a frequência em que este assunto é discutido em sala de aula é insuficiente, considerando-se que a soma entre as opções “às vezes” e “raramente” é 82,53%” (RODRIGUES; DIAS, 2013, p.5). Infelizmente apenas este artigo trabalha com as concepções dos alunos acerca do tema sexualidade, porém, a partir disso, pode-se corroborar o fato de que a Educação Sexual vem sendo pouco explorada em sala de aula.

Outro importante fator observado nos artigos analisados foi a concepção de professores sobre a forma como a Educação Sexual deveria ser trabalhada. De maneira predominante, segundo as respostas dos docentes entrevistados e observados em aula nos artigos, o que vem sendo abarcado dentro da Educação Sexual se refere apenas à dimensão biológica. Quando trabalhada em sala de aula “se torna informativo e voltado à aprendizagem de conceitos, palavras ou expressões científicas, o que caracteriza o conhecimento científico” (MESQUITA; MARTINS, 2017, p.7). Pode-se verificar, então, que a formação desses professores nos seus anos iniciais provavelmente estava voltada para conceitos relativos a biologia e fisiologia do corpo humano, tendo o professor de biologia e ciências como principal responsável por tratar desse tipo de assunto e que, apesar de alguns artigos mostrarem professores que tentavam abordar a sexualidade de forma diferenciada com suas turmas, não saíam da dimensão biológica.

Dessa forma, a análise desses artigos aponta que a Educação Sexual é pouco explorada nas escolas. Quando abordada, resume-se a anatomia e fisiologia do corpo masculino e feminino e aos métodos de prevenção a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Não se fala sobre assuntos específicos como o corpo como fonte de prazer, relações de gênero, busca de identidade, homossexualidade, aborto, violência sexual, sexismo, entre outros, pois o professor não possui uma formação específica ou possui uma formação precária sobre o assunto. Segundo Suplicy (1995, p. 16) “A formação do professor raramente incorpora temas de sexualidade em seu currículo. Por isso, muitas escolas, ao trabalhar com Orientação Sexual, abordam apenas a reprodução, aparelho genital, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e inclui alertas sobre a gravidez na adolescência”. Isso demonstra a importância e

necessidade da formação de professores para contribuir na exploração dos temas relacionados à sexualidade com os jovens pois, para Suplicy (1995), os alunos também são educados sexualmente fora da escola, seja através contato com os colegas, revistas, filmes pornográficos e zonas de prostituição. Porém, não existe uma garantia de que através dos meios citados o jovem poderá desenvolver uma vida afetiva e sexual harmoniosa.

4.2 INTERVENÇÕES, OBSERVAÇÕES E FORMAS DE SE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA

A análise dos artigos desse grupo indica pesquisas voltadas para o desenvolvimento de materiais didáticos e metodologias envolvendo a Educação Sexual em sala de aula. As abordagens exploradas e expostas trabalham para além da dimensão biológica da Educação Sexual, constituindo-se no desenvolvimento de uma proposta didática baseado na Pedagogia Histórico Crítica (PHC) de Saviani, na utilização da metodologia de ensino com analogia (MECA) e na utilização de textos científicos como instrumento didático, além de uma pesquisa através de experiências de licenciandos em sala de aula.

Dentre as várias reflexões realizadas nos trabalhos, pode-se salientar como ponto de discussão o fato de existir curiosidade por parte dos alunos a respeito de temas relacionados à sexualidade, sendo essa curiosidade manifestada durante intervenções feitas em sala de aula pelos pesquisadores. Algumas dúvidas podem se apresentar de forma espontânea e inesperada como o descrito no artigo intitulado “A Experiência como Campo de Reflexões no Processo de Formação Inicial de Professores de Ciências” (SOUZA; REIS; SANTANA, 2013) em que, na pesquisa realizada, licenciandos se depararam com perguntas relacionadas à sexualidade, em momentos em que esse tema não estava sendo abordado em aula. Sendo assim, não existe um momento certo e determinado para se falar sobre sexualidade.

Já no artigo “Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia” (FERNANDES; JOJIMA; SANTIAGO, 2011), as dúvidas foram expostas durante uma prática com alunos, na qual tais alunos deveriam depositar em uma urna seus questionamentos a respeito de sexualidade.

Como resultado, obteve-se indagações que exploravam o ciclo menstrual, práticas sexuais mais comuns, masturbação e doenças sexualmente transmissíveis.

Foram verificados nos trabalhos, também, métodos que podem auxiliar o professor a explorar a Educação Sexual em sala de aula. De forma conjunta, os artigos iniciam o tema através de um levantamento de conhecimentos prévios dos alunos. A partir disso, utilizam-se de diversas formas para abordar a sexualidade com os jovens, trabalhando com vídeos, filmes, questionários e brincadeiras. Uma interessante proposta é desenvolvida no artigo “O uso sistemático de analogias e modelos na educação afetivo-sexual: um instrumento para auxiliar o professor no processo de construção de aprendizagens significativas” (NAGEM et al., 2011). Nessa pesquisa os autores desenvolveram um trabalho com professores da Educação Básica, utilizando-se da Metodologia de Ensino Com Analogias (MECA). Assim, os professores deveriam analisar desenhos feitos por alunos em banheiros, cujo conteúdo retrata a sexualidade, como órgãos genitais masculinos e femininos. De acordo com o artigo:

A atividade ainda propiciou aos educadores estabelecer uma diferenciação entre analogia e metáfora, diferença essa que é fundamental para a aplicação da metodologia. Alguns tipos de linguagem como a gíria, o calão, o jargão, a linguagem popular e, especialmente nesse estudo, a linguagem erotizada fazem parte das rodas de conversa no cotidiano (NAGEM et al., 2011).

Isso mostra que a sexualidade nem sempre é exposta através de perguntas, podendo ser manifestada através da linguagem verbal e corporal, considerada como atos obscenos e impróprios, compartilhada entre os alunos, assim como desenhos realizados em carteiras, paredes e cadernos.

Todas essas manifestações são frutos de uma curiosidade que deveria ser problematizada pela escola e não somente pelo professor de ciências e biologia, pois a sexualidade está ligada mais a uma questão emocional e essas emoções acabam aflorando a todo momento. Com isso, defendemos que a presença da sexualidade:

[...] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de ‘educação sexual’, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’ (LOURO, 2014, p.85)

Sendo assim, o professor como um dos principais agentes da escola deve passar por um processo de formação inicial e continuada para trabalhar todas essas questões com seus alunos em sala de aula. Portanto, as pesquisas, como a nossa, colocam em cena a necessidade de fortalecer os estudos sobre a Educação Sexual,

bem como levar em consideração a formação dos agentes que atuam diretamente com a prática educativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos trabalhos levantados pelo banco de dados da ABRAPEC, podemos concluir que temas relacionados à Educação Sexual ainda são pouco abordados dentro da formação de professores. Apenas um total de 15 pesquisas foram encontradas a partir do ENPEC de 2011. Verificamos que há uma ausência na abordagem de temas relacionados à sexualidade e a educação sexual nas salas de aula. Isso se deve ao fato de que os docentes, muitas vezes, podem ter receio em explorar o tema devido à falta de formação adequada. Além disso, a Educação Sexual, quando explorada, ocorre por meio da dimensão biológica na maioria dos artigos, havendo poucas pesquisas relacionadas às dimensões históricas, culturais, afetivas e sociais. Leva-se em consideração, também, que os jovens apresentam certa curiosidade a respeito do tema e a manifestam de diversas formas.

Os primeiros passos dados pela escola para implementação de uma Educação Sexual no currículo escolar ocorreram devido a influência do movimento eugênico brasileiro, visando ao aperfeiçoamento biológico e social das gerações futuras. Isso contribuiu muito para que as instituições educacionais voltassem a temática durante muitos anos para a ótica das Ciências Biológicas, em que o professor responsável por trabalhar essa questão seria basicamente o professor de biologia e ciências. Apesar da não aceitação por parte de instituições religiosas como a Igreja Católica em conceber a Educação Sexual como matéria a ser ensinada, e do regime militar, que interrompeu produções acadêmicas e projetos em andamento relacionados ao tema em sala de aula, houve uma resistência vinda de professores, políticos e de movimentos sociais como o feminismo. Nesse sentido, considerando o contexto histórico de nosso país, concordamos com Louro (2014, p.84) que “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”.

Assim, temas relacionados à sexualidade estão presentes no cotidiano de todos os estudantes, influenciando-os a todo momento, seja na internet, nos livros,

nas músicas e até nas conversas com colegas, pois todos estão vivenciando a sexualidade em ambientes que vão além das salas de aula. Ignorar essa questão não é adequado, visto que os alunos trazem para o ambiente escolar sua vivência que pode ser manifestada através de dúvidas, conflitos, gestos, linguagens diversas, atitudes e afins que podem ocorrer a qualquer momento, não somente nas aulas de biologia ou ciências. Isso vai contra a ideia de que existe um tempo determinado para se falar sobre sexualidade, pois alunos, mesmo na infância, apresentam curiosidade e interesse sobre o assunto.

Sendo assim, o professor deve estar preparado para lidar e abordar essas questões com seus alunos. Essa preparação deve vir diretamente de uma formação inicial e continuada dos docentes, porém, o que se observa é que essa formação é incompleta. Conforme consta na LDB 9394/96, a formação de professores deve garantir o desenvolvimento profissional, reforçando as estruturas curriculares dos cursos de licenciaturas.

Dessa forma, o professor deverá ter uma formação plena que o ajudará a trabalhar em sala de aula diante de qualquer dificuldade. Porém o que se observa de fato é uma outra realidade. Para Feldmann (2009) existe uma lacuna entre a teoria e a prática, com isso existe um grande abismo entre a vivência nos cursos de licenciatura e a realidade das escolas. Isso significa que tanto a escola quanto às questões vinculadas a mesma nem sempre abarcam o olhar formativo, pois os cursos de formação inicial não contemplam assuntos como a Educação Sexual.

Diante da pesquisa realizada pudemos ter uma noção do quão ampla e complexa é a Educação Sexual. No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, nos conscientizamos de quão precária é nossa formação sobre um tema que está presente nos ambientes escolares e precisa ser explorado com urgência. Portanto, ressaltamos a importância de uma formação inicial sólida que consista em levar o professor a refletir sua prática e comprometer-se com o desenvolvimento integral dos alunos. Sendo assim, temos o interesse de realizar um estudo mais aprofundado futuramente, onde poderemos contemplar todas as atas das ENPEC e desenvolver um panorama de maior amplitude sobre a Educação Sexual na formação de professores do país. Sabemos que a implementação de tal tema nos cursos de licenciatura possui fortes entraves e, quando trabalhado, é desenvolvido de forma superficial, principalmente na contemporaneidade. Porém, salientamos que a formação adequada é de suma importância para que o docente e profissionais da

educação possam abordar os temas sem receios e, deste modo, assumir o seu papel central no processo sexual educativo dos alunos em sala de aula.

Acreditamos que através do conhecimento científico, e com o desenvolvimento deste trabalho, nós, como futuros professores de Biologia e Ciências, pudemos compreender um pouco as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente. Mas não podemos garantir que se utilizando somente os conhecimentos adquiridos durante nossa formação na universidade, poderemos contribuir na construção de uma sexualidade emancipatória e humanista dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ABRAPEC. **Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências.** Disponível em <<http://abrapecnet.org.br/wordpress/pt/>>. Acesso em 04 de abril de 2019
- ALARCÃO, I. **Formação continuada como instrumento de profissionalização docente.** Caminhos da profissionalização do magistério. Campinas: Papyrus, 1998.
- AQUINO, C.; MARTELLI, A. Escola e Educação Sexual: uma relação necessária. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. In: **Anais...** Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Genero,_Sexualidade_e_Educacao/Trabalho/12_40_16_1105-7444-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- BARROSO, C; BRUSCHINI, M. C. Educação Sexual e prevenção da gravidez. In: BARROSO, C. et al. (orgs.). **Gravidez na adolescência.** Brasília: INPLAN/IPEA/UNICEF, 1986. p. 29 - 54.
- BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade:** um diálogo com educadores. Coleção conhecimento e vida / coordenação Diamantino Fernandes Trindade. São Paulo: Ícone, p. 85, 2008.
- BRANDÃO, E. R.; LOPES, R. F. F. “Não é competência do professor ser sexólogo”: o debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 102, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais.** Brasília, 1999.
- BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> . Acesso em: 13 nov. 2019.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 2002.
- CÉSAR, M. R. A. Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, Sexualidade e Educação Sexual. In: SANTOS, D. B. C. dos; ARAUJO, D. C. (orgs.). PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Caderno Temático de Sexualidade.** Curitiba, PR. Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2009, p. 49-58.
- DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural.** Educar, Curitiba, v. 23, n. 30, p. 77-87, 2007, Editora UFPR.

FELDMANN, M. G. Formação de professores e cotidiano escolar. In: _____ (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009. p. 71-80

FERNANDES, H.L; JOJIMA, C.L; SANTIAGO, J, C, C. . Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia, 2011. In. VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, SP. In: **Atas....** 2011. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R0927-1.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. 2. ed. Londrina: Eduel, 2014. p.46.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a história da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, v. IV, p. 123,1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, p. 190 2009.

FURLANI, J. Abordagens contemporâneas para Educação Sexual. In: FURLANI, J. (org.). **Educação Sexual na escola**: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico- racial numa proposta de respeito às diferenças; Capítulo 2. UDESC - MEC - SECAD. Santa Catarina: 2008. p. 18 - 42.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 66 - 70, 1995.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. vol. 9. no 2. Santa Catarina: UFSC, p. 541 - 553, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MESQUITA, A.S; MARTINS, F.F. Narrativas docentes sobre práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental, 2017. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, SC. In: **Atas...** 2017. Disponível em <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/lista_area_17.htm>. Acesso em: 05 set. 2019.

NAGEM, R.L; SILVA, V. C.; FERREIRA, E. B. M. TEIXEIRA, R.C.C. O uso sistemático de analogias e modelos na educação afetivo-sexual: um instrumento para auxiliar o professor no processo de construção de aprendizagens significativas, 2011. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. In: **Atas....** 2011, Campinas SP. Disponível em <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R1654-1.pdf>. Acesso em 13 agosto de 2019.

RODRIGUES, A. B; DIAS, V. B. .Concepções de alunos do Ensino Fundamental I em relação ao papel do professor na abordagem do tema sexualidade, 2012. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, In: **Atas...** 2013, Águas de Lindóia SP. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R1191-1.pdf>. Acesso em 10 ago. 2019.

ROSEMBERG, F. Educação Sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 53, p. 11 - 19, maio. 1985. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/678.pdf>>. Acesso em 9 de maio de 2019

SANTOS, D. B. C. dos; ARAÚJO, D. C. de. **Sexualidade e gêneros: questões introdutórias**. In: Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba, PR: SEED, 2009. p. 13 - 27. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 107-117.

SOUSA, J. M; REIS, T.S.C SANTANA, R.N. A Experiência como Campo de Reflexões no Processo de Formação Inicial de Professores de Ciências. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2013, In: **Atas...** Águas de Lindóia SP, 2013. Disponível em <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0722-1.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2019.

SOUZA, V. S. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920, Ponta Grossa. **Revista de História Regional** - n. 2, Vol. 11 - Inverno, 2006. p. 100 - 102 Disponível em <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/322/216>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

SUPLICY, M. *et al.* **Sexo se Aprende na Escola**. 2. São Paulo, SP, Editora Olho d'Água, 1995.

VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**, v. 23, n. 2, p. 127-143, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000200009. Acesso em: 19 nov. 2019.